

5 Histórias de Vida Sustentáveis



Bem-vindos às Histórias de Vida aTerra!

Com este livro ficarão a conhecer cinco histórias de vida de diferentes intervenientes locais que o aTerra teve o privilégio de interligar.

Histórias que nos falam de uma sustentabilidade enraizada na terra, na comunidade, nas tradições e na abertura ao mundo....

A Piedade é produtora local e, apesar dos desafios, nunca lhe falta a força, pois quando coloca as mãos na terra a sua vida se transforma.

O Fernando é presidente de uma junta de freguesia e acredita que o renascer da atividade agrícola na sua comunidade trará mais bem-estar e felicidade aos seus conterrâneos. O serviço pelo Bem-Comum anima-o constantemente.

A Inês é professora e vive a ciência e o ensino com uma paixão desmedida... a mesma que nutre pelo cuidado da terra. E quando se une a ciência, o ensino e a terra, nesta professora uma explosão de entusiasmo acontece e se multiplica pelos alunos com quem trabalha.

O André é um aluno de uma turma aTerra. Como todos os jovens da sua idade, cada momento é comandado pelo sonho e assim voa... sem deixar de sentir no coração a música da natureza, nos pés o calor da terra e na cara o vento vagabundo.

O Valter é um voluntário aTerra, filho de pequenos produtores e estudante de Engenharia Agronómica, conciliando o melhor dos dois mundos: saberes tradicionais e conhecimentos técnicos. Na primeira edição da escola de verão novos horizontes lhe foram abertos: o encontro de jovens de diferentes áreas e sensibilidades frutificou copiosamente em terra que se pensaria exclusiva de técnicos. Mas cedo percebeu que em cada área, em cada comunidade, em cada pessoa se encerra um modo especial de cidadania ativa para um desenvolvimento sustentável.

Viver da terra

Piedade Oliveira, Produtora Local



FICHA TÉCNICA

título

Viver da terra; Piedade Oliveira, Produtora Local

conceção e redação

Fundação Fé e Cooperação e Daniela Costa | Biografias por Encomenda

autor

Daniela Costa | Biografias por Encomenda

colaboração

Maria Piedade Oliveira

ilustrações:

Vera Guedes

capa e paginação

Vera Guedes

revisão

Margarida Alvim | FEC - Fundação Fé e Cooperação
Ana Patrícia Fonseca | FEC - Fundação Fé e Cooperação
Elsa Neves | Associação Casa Velha

edição

FEC - Fundação Fé e Cooperação
Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 Moscavide, Portugal
Telefone: +351 218 861 710 | Fax : +351 218 861 708
geral@fecongnd.org | www.fecongnd.org

edição: janeiro de 2016

© FEC | Fundação Fé e Cooperação, 2016

A **FEC** é uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento. Existe desde 1990 por vontade da Igreja Católica em Portugal. Trabalha com comunidades e parceiros em Portugal, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique na educação, saúde, capacitação institucional e em educação para o desenvolvimento. Trabalha para a «construção de uma nova humanidade onde cada pessoa possa viver com dignidade e justiça» (<http://fecongnd.org/>).

Edição realizada no âmbito do Projeto aTerra - Políticas globais e estratégias locais para o Desenvolvimento Sustentável.

A Piedade nunca conseguiu tirar rendimento suficiente da agricultura. Ela e o marido viram-se obrigados a ter outros trabalhos que lhe possibilitassem uma forma de sustento. Mas, mesmo assim, e ao contrário do marido que de vez em quando questionava a utilidade de se continuarem a dedicar a uma atividade tão trabalhosa e pouco lucrativa, a Piedade nunca teve dúvidas que a terra precisava tanto dela como ela necessitava da sensação de apanhar vento na cara. E não foi só o efeito terapêutico que a fez persistir no amanho da terra. Ela também tem noção que os produtos que cultiva oferecem um valor acrescentado aos consumidores. Esta agricultora confessa:

“Sei o que estou a comer, porque sei muito bem como os produzi. No supermercado está tudo muito bonito, mas de certeza que não é produzido da maneira que eu faço. Há uma grande diferença.”



“Ainda há dias, uma senhora me disse:

— Este ano o meu marido já comprou tantas vezes semente de nabo e não temos nabo para comer.

E levei-lhe um saco de nabos e sementes para semear, que é a semente que eu apanho quando os grelos espigam. Uns dias depois, a senhora disse-me:

— Olha os seus nabos têm mesmo cheiro a nabo. A gente às vezes compra e não têm cheiro nenhum.

E eu expliquei-lhe:

— Devem ter, eles não têm nada que lhes possa tirar o cheiro. Não levaram nada, senão um bocadinho de estrume do gado.”



E conforme a Piedade deu sementes e nabos a uma vizinha também recebe muitas vezes pepinos ou tomates de outros agricultores quando a quantidade é grande e as pessoas não escoam tudo o que produzem. A partilha acaba por florescer com muita naturalidade! E as pessoas sabem o que comem e podem desfrutar do aroma a tomate que os tomates têm e do sabor a fresco que os produtos colhidos com prazer oferecem.

Esta confiança no que come foi um dos motivos que fez com que a Piedade persistisse na atividade agrícola, a par dos efeitos positivos que esse trabalho provocava no seu espírito e na sua disposição. Como ela costuma dizer, se tiver um problema ou algo que lhe inquiete a mente e o coração, ela vai para o campo e parece que as preocupações ficam enterradas juntamente com as ervas daninhas.

“Às vezes, até digo: ‘faz-me desenferrujar as dobradiças’! Chego a andar tão entretida que nem sinto o tempo a passar...”

No entanto, durante muitos anos, não havia perspectivas de se poderem escoar os excedentes de cada colheita e, por isso, muita fruta, legumes e leguminosas iam diretamente para as pias dos animais, quando na vizinhança já ninguém precisava desses produtos, pois naquele lugar da freguesia de Caxarias praticamente toda a gente tem a sua horta de onde extrai os produtos para consumo diário. Noutras ocasiões, alguma fruta e legumes ficavam a estragar-se sem que ninguém os apanhasse por não terem escoamento. Isto, apesar de se saber que em termos nutritivos seriam bem mais completos do que outros com melhor aspeto que se comercializavam com facilidade. Mas há que perceber o contexto: falamos de minifúndios, com parcelas muito pequenas recortadas pelo meio de outras parcelas de vizinhos e espalhadas geograficamente, no caso da Piedade, por um raio de quase 3 km: a área de produção é muito pequena e o tipo de solo e clima não é o mais favorável, apesar de haver muita água. Assim, a competitividade é muito pequena e a estratégia de sobrevivência e rentabilização teria de passar por alternativas às existentes.

A Piedade nasceu numa localidade da freguesia de Caxarias e a sua primeira escola foi o campo. Desde tenra idade que se habituou a desfolhar milho, a alimentar os animais, a regar a horta, a preparar a terra para um tomatal ou para um nabal, a apanhar azeitona... e tantas outras tarefas. Mesmo depois de frequentar a escola primária continuou sempre a ajudar os pais nos tempos livres e, assim que terminou a 4.^a classe, tornou-se agricultora a tempo inteiro. E ela gostava! Sentia-se bem com a sensação de ter feito as coisas bem, adorava ver uma horta bem tratada e um campo cheio de pés de milho sem ervas daninhas a impedir o seu crescimento.

Contudo, também tinha outras perspetivas de vida e, aos 17 anos, decidiu lutar por um sonho antigo: ser costureira. Foi difícil conseguir autorização dos pais, pois ela era a mais velha dos seus irmãos e a sua mãe era doente, precisando de muito apoio nas tarefas domésticas e do campo. Mas a Piedade foi persistente e lá conseguiu autorização para ir algumas horas por dia aprender a costurar com uma costureira experiente, numa localidade próxima.

O que já se sabe é que ela antes de ir aprender o ofício tinha de deixar as tarefas agrícolas todas prontas ou adiantadas para serem terminadas quando regressasse. A vida era dura e exigente, mas a rapariga estava na flor da idade e energia não lhe faltava. E motivação para fazer o que gostava também não, por isso ela não se importava de acordar cedo e de se deitar tarde. A sua única maior preocupação era deixar bem feito aquilo que empreendia.

E assim se tornou costureira, sem nunca deixar de ser agricultora. Começou a ter as suas clientes que, com as suas sugestões e exigências, a fizeram evoluir no seu ofício de modista. Com uma mão na agulha e outra na terra, a Piedade ficou noiva e, ao casar, foi viver para a terra do marido, que era próxima da sua. Quem casa quer casa e eles construíram o seu lar junto à casa dos sogros da Piedade. E passaram a ter ao seu cuidado os seus próprios terrenos, os dos sogros e os de outros familiares que tinham emigrado para França.



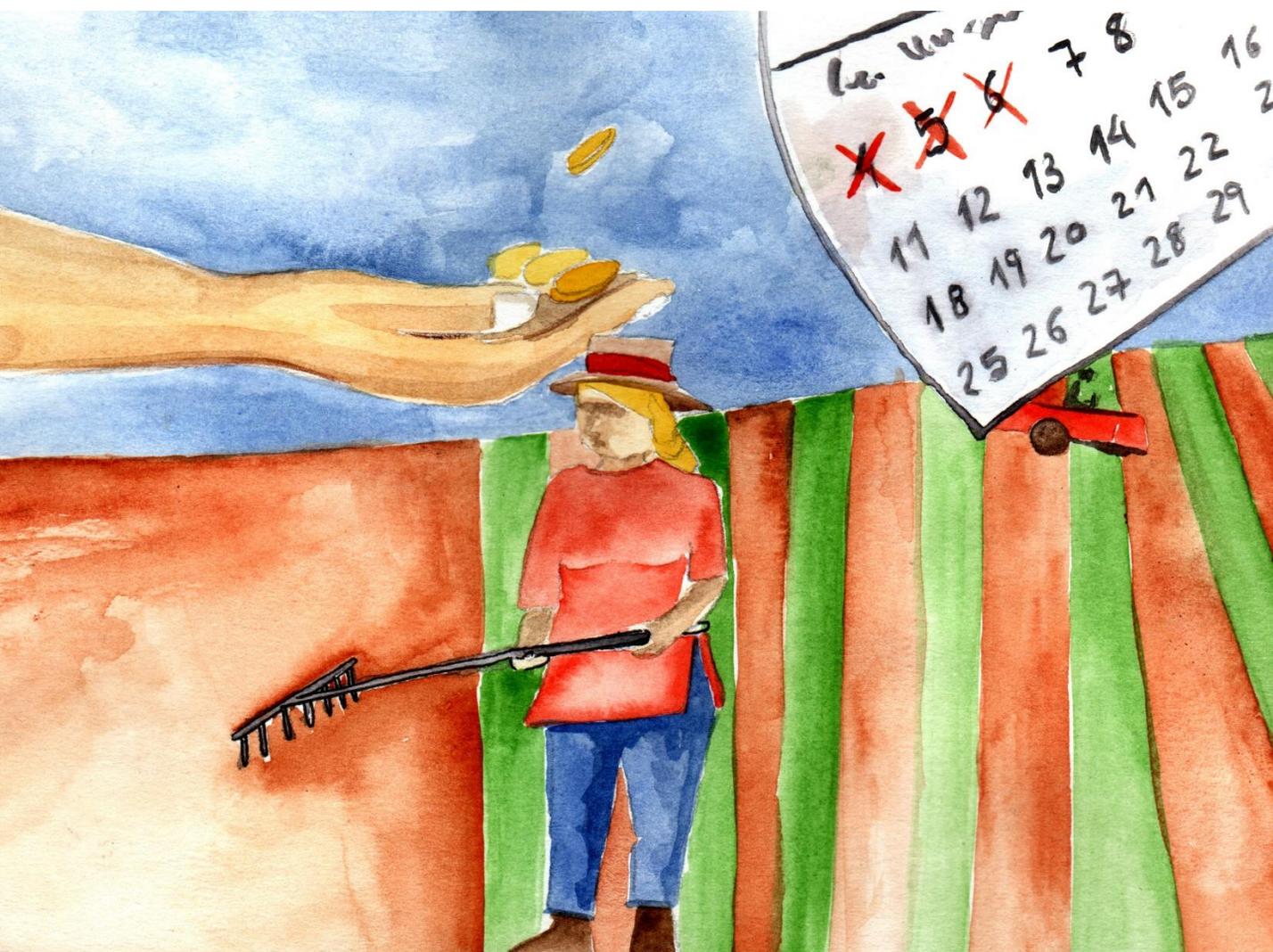
“Amanhamos um grande olival há mais de 30 anos que é de uns primos do meu marido. Tem ali vinho, oliveiras e semeamos outras coisas. Outras vezes, tiramos de lá erva para o gado, pois sempre tivemos animais também.”

O marido da Piedade também trabalhava na agricultura, pois os pais tinham muitos terrenos. Além disso, ele trabalhava também numa fábrica, sensivelmente das 8h às 17h e, quando chegava a casa, ia trabalhar no campo.

Nessa altura, eles não tinham qualquer veículo ou ferramenta mecanizada, o trabalho era todo feito com a força dos braços humanos ou com tração animal. Hoje em dia, já têm um pequeno trator e moto-enxadas que vão ajudando.

Algum tempo depois de se casar, a Piedade passou a acumular outro ofício: o de ser mãe a tempo inteiro. Teve dois filhos e viveu a infância deles de uma forma muito próxima, levando-os muitas vezes com ela para o campo ou deixando-os brincar com os carrinhos de linhas.

Alguns anos depois, o negócio da costura não compensava e ela viu-se obrigada a arrumar a um canto a máquina de costura. Os filhos já estavam a ficar crescidos e a sogra ajudava-a a cuidar deles, pelo que a Piedade passou a trabalhar como jornaleira. Ia “ganhar o dia” como agricultora, conforme precisavam dela. O trabalho era duro, mas ela gostava e nunca lhe faltou energia para seguir diretamente para os seus trabalhos agrícolas. E o mesmo aconteceu quando arranjou trabalho num restaurante e depois no Centro de Apoio a Deficientes João Paulo II, onde continua até hoje. Neste trabalho, ela tem a vantagem de trabalhar por turnos (tal como o marido atualmente), o que significa que flexibiliza melhor o seu tempo para levar para a frente a agricultura, numa fase da sua vida em que os filhos se emanciparam e já não vivem em casa.



Para conciliar tudo, a Piedade muitas vezes acorda de madrugada e deita-se tardíssimo. É que os desafios chegam de todo o lado. Neste momento, por exemplo, tem o seu pai doente e faz questão de o ter em casa numa fase em que ele está mais sensível.

Se o marido dantes reclamava que aquilo não era modo de vida, que se cansavam em vão e que lhes ficava mais barato ir ao supermercado comprar os produtos em vez de os produzir, agora ele é o primeiro a puxar por ela.

É que desde há cerca de dois anos tudo mudou. A Piedade foi convidada a participar num mercado de produtos da terra organizado pelo município de Ourém. Inicialmente, ela ficou muito renitente, não via que tivesse nada de valor para vender ali, mas depois começou a ir, tomou-lhe o gosto e agora percebe que dali vem algum retorno financeiro do seu trabalho. Não é muito, mas é um incentivo. E, pela primeira vez na vida, a Piedade teve consumidores dos seus produtos que lhe vão dando opiniões muito positivas acerca dos seus feijões, couves, alfaces e sobretudo do pão!

“Também faço pão, com a nossa farinha. Normalmente a gente semeia trigo e depois manda ao moinho. Não é o trigo sozinho porque faço mistura. Só leva farinha, fermento, sal e água. O pão é cozido em forno de lenha. Há pessoas que vão todos os meses ao mercado só para comprar o nosso pão, que fica escuro...”

Dos mercado mensais, a Piedade recebeu o convite para fazer, em parceria com outros produtores, cabazes semanais de produtos agrícolas. A estratégia é simples: há um grupo de consumidores fixo que todas as semanas vai, num dia, hora e local marcados, levantar um cesto de produtos que varia ao longo do ano consoante os produtos da época; e os produtores organizam-se para cada um contribuir com o que tem de modo a compor os cabazes.

Esta situação alterou grandemente os hábitos da Piedade e do seu marido que deixaram de produzir exclusivamente para eles e passaram a planear a produção em função das necessidades dos consumidores. Uma das estratégias encontradas por esta agricultora foi fasear a sementeira, deixando algumas semanas de intervalo entre cada parcela semeada com um mesmo produto, de modo a ter aquele legume durante mais tempo.

A revolução implicou a mudança de veículo, para poderem transportar os produtos, e a reorganização familiar, para conseguirem cumprir os compromissos que estabelecem. Mas vai além disso: possibilitou que eles olhassem de forma diferente para a agricultura, dando mais valor ao fruto do seu trabalho!

E essa motivação permite uma grande resiliência, mesmo quando o mau tempo surge:

“É um gosto que tenho, mesmo com prejuízo eu gosto. Eu às vezes penso: «agora não calhou bem, para a próxima pode ser que já corra melhor». É aquele otimismo... acreditar que vai correr bem para a próxima... estar sempre com vontade de fazer...”

E é esse espírito de sacrifício que faz com que a Piedade em dias de mercado acorde às 5h da manhã para fazer e cozer o pão que faz com que o mundo rural não morra e ressurgira com um novo vigor, como um campo na primavera!





FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN
CIDADANIA ATIVA



ACTUAR



CASA
VELHA



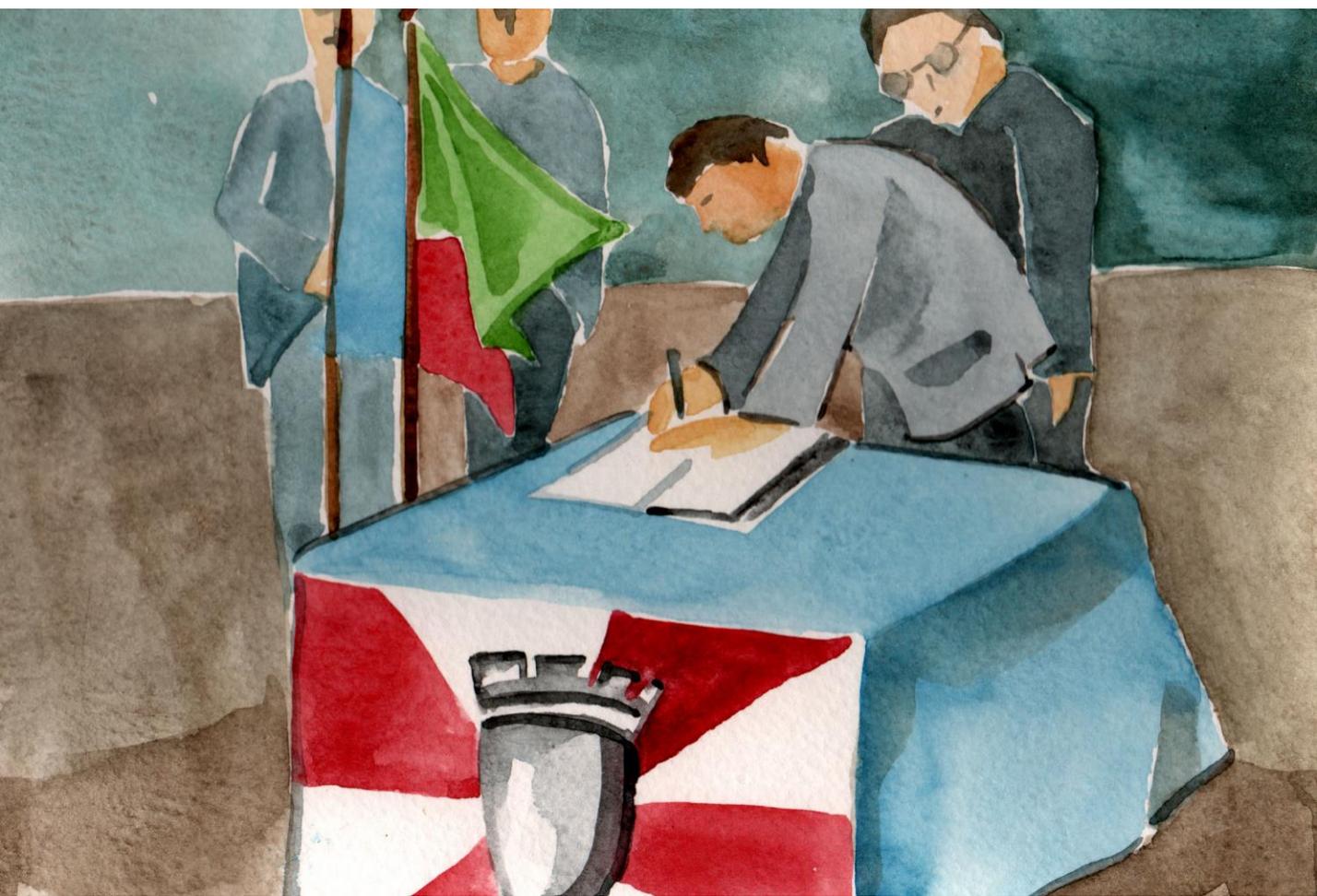
ourem VIVA



Ourense

O Olival tem futuro

Fernando Ferreira, Autarca Local





FICHA TÉCNICA

título

O Olival tem futuro, Fernando Ferreira, Autarca Local.

conceção e redação

Fundação Fé e Cooperação e Daniela Costa | Biografias por Encomenda

autor

Daniela Costa | Biografias por Encomenda

colaboração

Fernando Ferreira

ilustrações:

Vera Guedes

capa e paginação

Vera Guedes

revisão

Margarida Alvim | FEC - Fundação Fé e Cooperação

Ana Patrícia Fonseca | FEC - Fundação Fé e Cooperação

Elsa Neves | Associação Casa Velha

edição

FEC - Fundação Fé e Cooperação

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 Moscavide, Portugal

Telefone: +351 218 861 710 | Fax : +351 218 861 708

geral@fecongnd.org | www.fecongnd.org

edição: janeiro de 2016

© FEC | Fundação Fé e Cooperação, 2016

A **FEC** é uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento. Existe desde 1990 por vontade da Igreja Católica em Portugal. Trabalha com comunidades e parceiros em Portugal, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique na educação, saúde, capacitação institucional e em educação para o desenvolvimento. Trabalha para a «construção de uma nova humanidade onde cada pessoa possa viver com dignidade e justiça» (<http://fecongnd.org/>).

Edição realizada no âmbito do Projeto a Terra - Políticas globais e estratégias locais para o Desenvolvimento Sustentável.

O Olival já foi terra de muita azeitona, vinho e milho. Já foi terra de grande mercado ao domingo e de animada feira todos os dias 22 de cada mês. Hoje em dia, esta freguesia rural situada no norte do concelho de Ourém perdeu muito do seu dinamismo agrícola. As grandes quintas, que outrora enchiam de trabalhadores os campos da freguesia, estão na sua maioria em estado de declínio e os casarões que lhes deram solenidade têm agora outros fins: o da Granja, por exemplo, foi cedido para a sede da Junta de Freguesia.

Um local cheio de história no Olival é a Casa das Conchas que recebeu o poeta Acácio de Paiva, que ali morreu, em 1944, entre a pacatez da ribeira e o calor das gentes hospitaleiras.

Quando o Fernando nasceu, em 1960, a freguesia estava num processo de mudança que lhe haveria de dar uma configuração bem diferente da tradicional. Entre as ondas de emigração para França e outros países da Europa, os homens que partiam para a guerra do Ultramar e as pessoas que abandonavam a aldeia em direção aos centros urbanos, uma verdadeira sangria populacional lavou os Olivais. Perdeu-se muita gente jovem, a agricultura entrou em declínio, as poucas indústrias na área da cerâmica e serrações lutavam por se aguentar. Os sete lagares de azeite fecharam. Em compensação, surgiram algumas empresas na área da construção civil e de pequenos serviços.

Devido ao isolamento da localidade, para poder estudar, o Fernando foi viver para Leiria, onde frequentou o Seminário Diocesano. Ali completou os seus estudos ao nível do 11.º ano. Ao regressar à sua terra natal, teve a oportunidade de trabalhar na Casa do Povo local e esse primeiro emprego, que haveria de se revelar o único que desempenhou ao longo da vida, foi-lhe abrindo novas perspetivas sobre o serviço em prol dos outros, uma vez que fazia parte das suas funções o apoio às pessoas mais fragilizadas da sociedade.

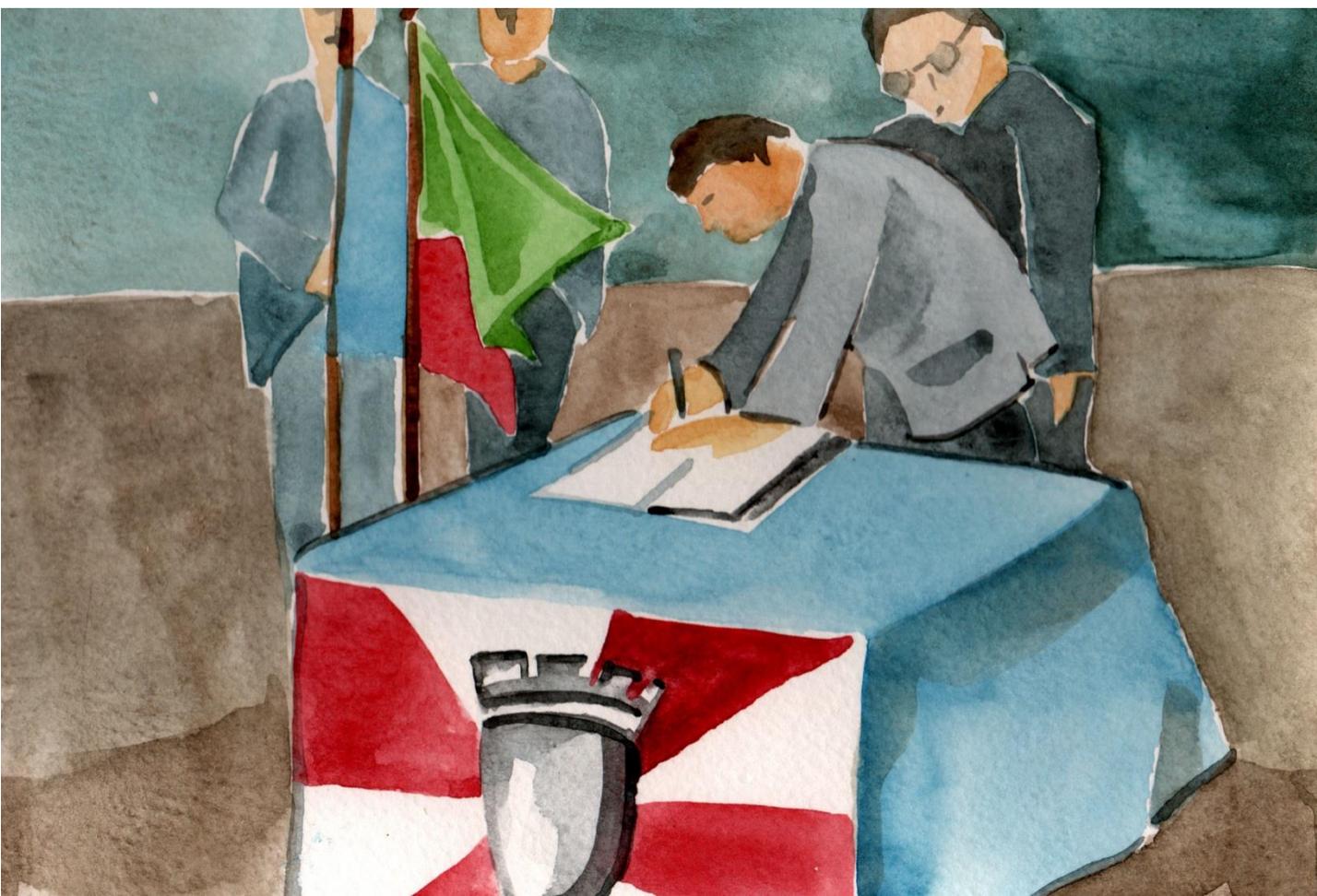
Paralelamente, ele nunca deixou de trabalhar na agricultura, ajudando os pais, que tinham alguns terrenos, sobretudo na época das sementeiras, da vindima e das colheitas. Vendiam algum vinho, mas não ganhavam grande coisa com isso, sendo o autoconsumo o principal motivo para continuarem a dedicar-se às atividades agrícolas.



Ficando a viver no Olival, onde tinha as suas raízes, o Fernando desde cedo se envolveu na vida associativa local, fazendo parte da direção de instituições de carácter recreativo, cultural e desportivo e estando mesmo na origem de algumas delas.

“Fui sócio e fundador do Centro de Apoio Social. Estou ainda ligado ao Olival de Encantos, que já teve atividades desde coro infantil até ginástica e foi uma associação com muito peso cá na freguesia. Faço também parte do Clube de Caçadores.”

E da sua atividade profissional, visto que é técnico da Segurança Social (entidade que substituiu a anterior Casa do Povo), aliada à sua forte participação na vida comunitária, surgiu uma vontade de se empenhar mais a fundo nas decisões políticas que afetam a vida da localidade. Enveredou assim por um percurso de candidaturas à Junta de Freguesia, tendo sido eleito presidente da Junta de Freguesia do Olival em 2009, sendo reeleito da agora União de Freguesias de Gondemaria e Olival em 2013. Assim, passou a ter um conhecimento muito mais aprofundado da vida da comunidade e um papel de grande responsabilidade na sua condução.



Nessa perspectiva, uma das suas preocupações prendia-se exatamente com os meios de sustento e o dinamismo económico da localidade. Para ele, é importante criar postos de trabalho e sabe que a conjuntura nacional não facilita o crescimento do mercado de trabalho, de modo que o Fernando acredita que o empreendedorismo será um caminho de futuro e, por isso, faz parte dos objetivos organizar sessões de formação dirigidas à população sobre essa temática.

Quanto à agricultura, ele não vislumbra uma solução fácil para que ela possa contribuir para o emprego dos habitantes e a economia local. Por um lado, aponta a questão do minifúndio como um grande entrave, aliado a outras particularidades que impedem a competitividade. Na sua opinião, o emparcelamento poderia ser uma alternativa, mas as pessoas não têm abertura para enveredar nesse sistema.

“É impossível fazer isso na nossa região porque as pessoas não estão mentalizadas para tal. Penso que há ainda um certo receio de perderem os seus terrenos. Mesmo que se faça um contrato, as pessoas têm sempre medo dessas coisas. Mesmo estando ali os terrenos ao abandono, os proprietários preferem-no porque sabem que ao menos são seus e ninguém lhes toca e que se um dia precisarem podem ir lá. Porque há aí muita terra abandonada, terrenos de qualidade que estão cheios de silvas, mas nota-se que as pessoas não aderem a esse tipo de iniciativas.

Para se concorrer a determinados concursos e apoios, é necessário por exemplo um contrato com duração de 5 anos e isso é logo um impedimento.”

Daí o Fernando acreditar que as pessoas têm de ser mais sensibilizadas, pois, se elas percebessem que da agricultura poderia vir algum rendimento, mais depressa se empenhariam em adotar novas estratégias que resolvessem problemas antigos.

Ao conhecer o projeto aTerra, identificou-se com os seus objetivos e participou nalgumas reuniões, ajudando a enriquecer o debate sobre políticas que fomentem a sustentabilidade da agricultura e dos meios rurais. Na verdade, a situação da ruralidade e da agricultura, hoje em dia e em Portugal, exige uma perspetiva nova. Tem de se começar a trilhar um caminho novo de reorganização dos espaços, de refrescamento das mentalidades, de alteração dos modos de produção e das culturas, e de reinvenção das formas de comercialização, para que se evitem situações como esta vivida e descrita pelo Fernando:

“Há pessoas jovens que estão dispostas a enveredar pela agricultura, mas ainda aqui há uns tempos houve um moço que veio ter comigo para eu o ajudar a arranjar um espaço para produzir morangos. A área teria de ser mais ou menos direita, com água, e mais algumas condições. Por exemplo, o terreno deveria ter pelo menos 1 hectare, pois o objetivo era implementar ali uma estufa, e não é fácil na nossa região encontrar terrenos direitos, sem árvores e com essa dimensão. Ainda se fizeram alguns contactos, mas depois acabou por não seguir com o projeto avante.”

No que concerne à comercialização dos produtos, também é necessário adotar estratégias inovadoras que alimentem circuitos curtos e beneficiem os pequenos produtores. No verão passado, a União de Freguesias criou uma iniciativa inédita com o objetivo de dinamizar o artesanato, bem como a produção agrícola e pecuária locais: o Mercadinho.

“Se as pessoas tiverem noção que naquela altura haverá um mercadinho, organizam-se e comparecem. No verão, foi organizado pela junta de freguesia e mais três ou quatro pessoas que já tinham experiência de mercados noutros lados. E fizemos as inscrições, organizámos o espaço... Vieram pessoas de cá e de fora, tanto para vender como para comprar. Ainda se venderam algumas coisas: artesanato, produtos da terra, alguns animais. Por acaso, coincidiu com o aniversário da nossa vila. Tentámos, uma vez que tínhamos mais pessoas no Olival, diversificar as atividades. Para a primeira vez penso que correu bem... mas ficamos ali num impasse relativamente à periodicidade. O certo é que temos de o repetir.”

Esta iniciativa vai ao encontro do objetivo do aTerra de fomentar novos modos de escoamento dos produtos agrícolas.

Quem sabe se um dia o Olival não volta a fazer jus ao seu nome e a produzir azeite? É que apesar de se voltarem a plantar oliveiras, os sete lagares de azeite que outrora o Olival conheceu estão todos encerrados e não há forma de transformar a azeitona em azeite nas redondezas. A reabertura de um lagar na localidade é uma luta do Fernando.

Além do azeite, o Olival tem outro produto muito característico que não foi ainda verdadeiramente reconhecido: o palheto.



“O Medieval é um tipo de vinho. Nós chamávamos-lhe o palheto, porque nós temos uma maneira própria de fazer o nosso vinho: dizem os entendidos que vem já do tempo dos frades de Alcobaça que ocuparam estas terras noutros tempos. Há quem diga que nós fazemos vinho tinto de uvas brancas. Porque na maior parte dos casos a produção é feita com 80% de branco e 20% de tinto. Só que o palheto não tinha classificação. Portanto, havia o tinto, havia o branco, havia o rosé... e o palheto não tinha enquadramento na legislação... Então, tentou-se de outra forma e foi considerada aqui nesta zona uma exceção, tendo sido dado o nome ‘Vinho Medieval’. Portanto, esse vinho tem umas formas específicas para ser produzido: tem de ser em madeira, em cascos de carvalho ou de castanho... tem alguns procedimentos de exceção... mas penso que não está assim muito implantado... porque há poucas pessoas que o produzem e também não há quem o divulgue.”

Ao lado destes produtos tradicionais, outros mais inovadores poderiam fazer a diferença nos mercados, como a batata doce ou os frutos vermelhos. A inovação que anda de mãos dadas com a qualidade e a tradição é porta aberta para o sucesso de uma atividade empresarial. E é dessa forma profissional que esta atividade deve ser encarada, mesmo que em condições desfavoráveis. O domínio de técnicas agrícolas é tão importante como o conhecimento de ferramentas de *marketing* e gestão para que uma geração de novos agricultores possa dar um novo rosto aos territórios rurais.



E é fundamental que esta revolução aconteça para que o Olival não se transforme no eucaliptal que atraiu o horror dos incêndios florestais para a localidade. Desastres ambientais e fragilidades sociais são duas faces da mesma moeda.

No caso do Fernando, ele assume esta problemática como uma missão pessoal, independentemente do cargo político que desempenhe.

“Esta área agrícola pode ser uma forma de fazer ação social. Se as pessoas trabalharem e tiverem um modo de sustento, é sempre bom para todos. Há aqui uma série de entidades que gerem a ação social, mas acho que a agricultura também é, se às pessoas que não têm recursos lhes for cedido um espaço para elas cultivarem, uma forma de fazer o bem. E eu acho que isso era ótimo.”

Além das vantagens para o meio rural, o consumidor teria acesso a produtos com mais qualidade. Seria ótimo.”





A ciência da terra

Inês Mendes, Professora



FICHA TÉCNICA

título

A ciência da terra; Inês Mendes, Professora

conceção e redação

Fundação Fé e Cooperação e Daniela Costa | Biografias por Encomenda

autor

Daniela Costa | Biografias por Encomenda

colaboração

Inês Mendes

ilustrações:

Vera Guedes

capa e paginação

Vera Guedes

revisão

Margarida Alvim | FEC - Fundação Fé e Cooperação

Ana Patrícia Fonseca | FEC - Fundação Fé e Cooperação

Elsa Neves | Associação Casa Velha

edição

FEC - Fundação Fé e Cooperação

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 Moscavide, Portugal

Telefone: +351 218 861 710 | Fax : +351 218 861 708

geral@fecong.org | www.fecong.org

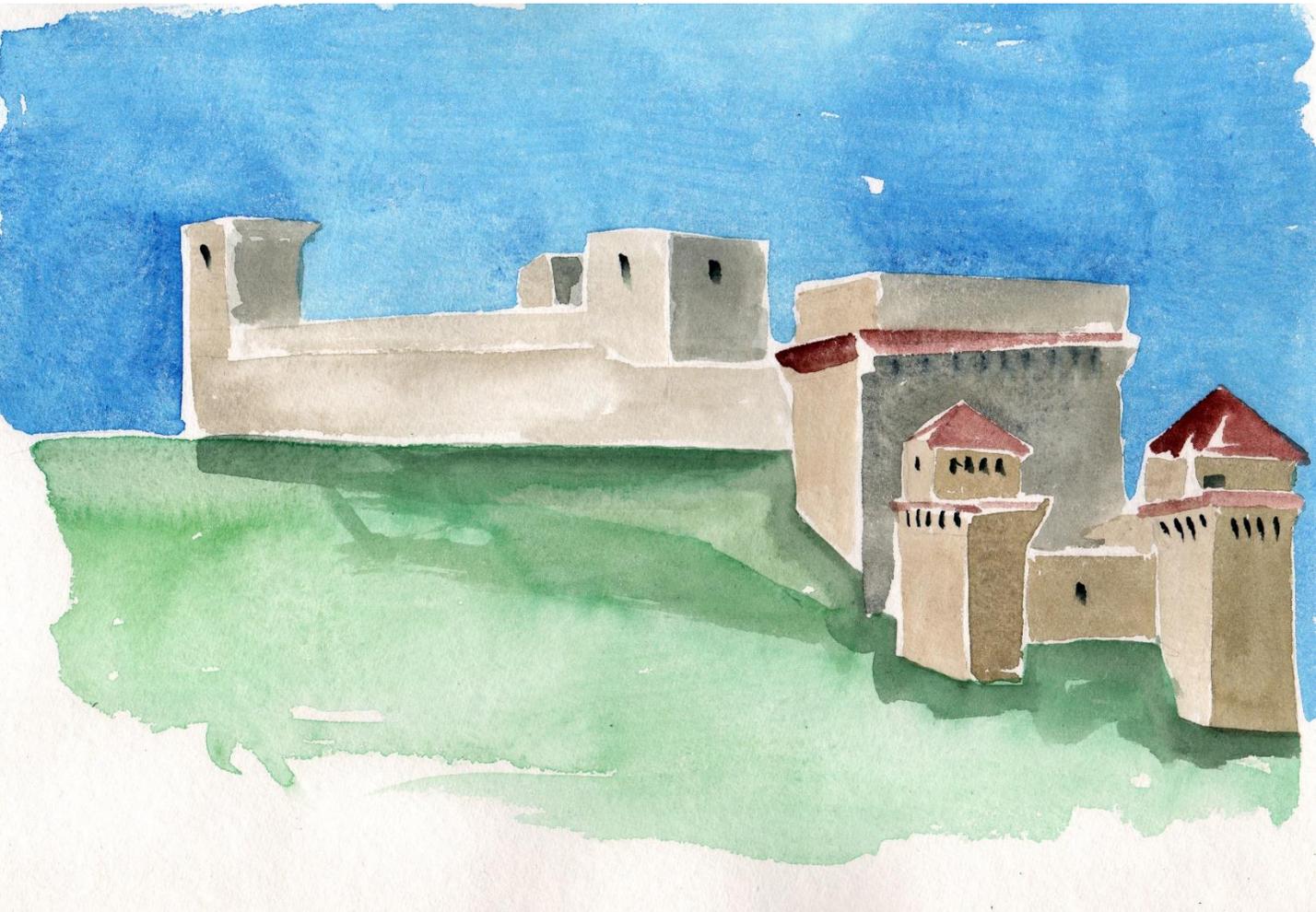
edição: janeiro de 2016

© FEC | Fundação Fé e Cooperação, 2016

A **FEC** é uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento. Existe desde 1990 por vontade da Igreja Católica em Portugal. Trabalha com comunidades e parceiros em Portugal, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique na educação, saúde, capacitação institucional e em educação para o desenvolvimento. Trabalha para a «construção de uma nova humanidade onde cada pessoa possa viver com dignidade e justiça» (<http://fecong.org/>).

Edição realizada no âmbito do Projeto aTerra - Políticas globais e estratégias locais para o Desenvolvimento Sustentável.

Ao fundo, avista-se o castelo de Ourém a reinar sobre a colina onde está implantado e a lembrar histórias de tempos passados em que todas as terras que se avistam lhe prestavam vassalagem. Aqui bem perto, inala-se a plenos pulmões o cheiro que se desprende dos pinheiros em dias de muito calor e relaxa-se ao ritmo cadenciado da música das cigarras, com a constância das coisas que respeitam um plano superior.



A casa pré-fabricada é pequena e sustentável, tem tudo o que a família precisa para ali viver agradáveis fins de semana, sem gastar muito. O terreno onde está implantada é marcado por um grande desnível que permite na parte alta usufruir de uma vista privilegiada sobre Peras Ruivas e Ourém. E é exatamente nessa parte que fica a casa modular forrada de placas de cortiça. Descendo a parcela de terreno, há uma horta, um galinheiro e uma pequena construção de apoio à agricultura.

A história deste pequeno pinhal é muito antiga, tendo pertencido à avó da Inês, que vivia na aldeia de Peras Ruivas, ali bem perto. A Inês cresceu noutra localidade do concelho de Ourém, Vilar dos Prazeres, onde frequentava a escola e tinha os seus amigos. Contudo, os fins de semana e férias eram passados com a avó materna, uma mulher do campo que conhecia os ritmos das estações e tinha gravadas na pele as marcas da beleza e da agrura da vida campestre.

A avó não fazia questão de ensinar a neta, mas esta, sempre muito atenta, seguia todos os seus passos e ia aprendendo os cuidados básicos das plantas, ajudando a avó a apanhar o milho e a descamisá-lo. Depois, ia dá-lo às galinhas e recolher os ovos que elas tinham no ninho. Como ela tinha muito interesse, a avó deixava-a regar as plantações e até plantar alguns legumes. Certa vez, a Inês perguntou-lhe se podia semear cenouras junto ao rego da água, ao que a avó lhe respondeu que não, explicando-lhe que não ia resultar. Mas a menina insistiu e a velha senhora lá anuiu. A verdade é que essas foram as melhores cenouras da horta, o que deixou a pequena muito orgulhosa.

A Inês foi crescendo e dedicava-se cada vez mais aos estudos, não lhe restando tanto tempo como gostaria para ajudar a avó, mas sempre que podia lá ia ela para Peras Ruivas.

As ciências exatas eram a sua praia e ela conseguia com grande facilidade apreender os conteúdos de matemática, física e química; tanto que as amigas, quando não percebiam algum ponto da matéria, em vez de pedirem esclarecimentos à professora, guardavam as dúvidas para clarificar com a Inês. E ela gostava, pois assim revia a matéria e ajudava as colegas. Era uma boa explicadora!

Na hora de ingressar na faculdade, a Inês já sabia o que queria: elegera a Universidade de Aveiro porque ali já se encontrava a estudar o seu irmão, o que lhe permitira conhecer um pouco da cidade e apaixonar-se pela Veneza portuguesa. Quanto ao curso, também não havia dúvidas: queria estudar Matemática, via ensino. A sua mãe era professora e ela absorvera esse modelo, percebendo que também tinha gosto em ensinar e lidar com os jovens.



Conseguiu entrar em Aveiro, mas não no curso desejado. Por umas décimas foi colocada na segunda opção, Física e Química. Não era preocupante, já que o primeiro ano dos cursos de Ciências e Tecnologias em Aveiro era na altura comum, o que permitia que ela pedisse transferência no final do 1.º ano sem ficar prejudicada. Porém, no final desse ano, a Inês já estava convencida: ganhou o gosto pela Física e pela Química e já não queria mudar.

Porque gosta de viajar e contactar com diferentes culturas e realidades, fez Erasmus em Salamanca, experiência que considera muito rica. O balanço foi positivo e pode-se medir tanto pelas competências que desenvolveu como pelas boas amizades que criou e que ficaram para a vida.

Logo depois de ter terminado os cinco anos de licenciatura, lançou-se no mestrado em Educação e Comunicação em Ciência, cujo trabalho de dissertação funcionou como uma arma contra o drama do desemprego que nessa altura afligia os professores. Implementou o seu projeto no Centro de Ciência Viva de Aveiro e ali trabalhou durante três anos. *“No primeiro ano, fiz uma exposição de ciência, espetacular, onde as crianças podiam interagir com experiências de ótica, mecânica, química e muito mais. O Centro de Ciência funcionava na antiga fábrica de cereais. Indo ao encontro da cultura local, tivemos o cuidado de contactar com a pesca e o bacalhau. Para mim, foi como um regressar à ruralidade, que ficara de algum modo para segundo plano durante o período em que vivi em Aveiro”,* explica a Inês.

Era ao fim de semana que a Inês tinha oportunidade de regressar a Ourém e matar saudades dos familiares e amigos. E, numa dessas visitas à terra natal, o romance aconteceu: conheceu o André, um lisboeta com raízes em Ourém. Algum tempo depois, a Inês tomou a difícil decisão de deixar a terra dos moliceiros e aproveitou a oportunidade de fazer a substituição de uma professora por quatro meses no Colégio Sagrado Coração de Maria, em Fátima. Sabia que trocava o certo pelo incerto, mas também sabia que as decisões mais importantes da vida exigem fé. E, algum tempo depois de começar o ano letivo seguinte, ela foi novamente chamada para aquele Colégio e ali se mantém até hoje, lecionando Ciências Físico-Químicas e envolvendo-se em diversos clubes e projetos escolares.

E foi assim que conheceu o aTerra, no início do ano letivo 2014-15.



A querida avó já tinha falecido e a mãe da Inês começou a usar a pequena parcela que herdara para cultivar. A Inês e a família, sempre que podiam, iam até lá para ajudar. Aliás, a Sofia, filha da Inês e do André, passou por ali os seus primeiros anos, acompanhando a avó. Até que no verão de 2014 o casal conheceu numa exposição a casa modular e se rendeu. A casa foi transportada num camião e colocada nas estruturas que previamente tinham sido preparadas no terreno por uma grua. A partir dali, era certo e sabido que todos os tempos livres da família seriam passados no pequeno refúgio no meio do pinhal, onde cada colheita tem o sabor do afeto da avó.

A Inês nunca escondeu no Colégio a paixão pelo campo e por isso não ficou surpreendida quando o diretor a convidou para animar o clube aTerra. A Margarida Alvim tinha estado ali a apresentar o projeto, e a escola, que tem a missão não só de educar os jovens para a aprendizagem escolar, mas também de desenvolver competências nos alunos em termos humanos, percebeu que o aTerra iria ser uma mais-valia. A professora, que se interessava pelas questões da sustentabilidade e aproximação com os espaços rurais, assumiu o desafio com a perspetiva de que aquele clube poderia ajudar os alunos a encontrarem-se a si e ao seu lugar no mundo.

Por serem os mais maduros, os alunos do 9.º ano foram o público-alvo e houve 14 aventureiros a inscreverem-se no clube. As primeiras semanas foram as mais difíceis porque a Inês ainda não tinha conseguido motivar suficientemente os alunos. Mas um ponto de viragem aconteceu quando ela foi à Casa Velha e percebeu a essência do projeto. A partir dali o seu cálice transbordou e todos os alunos beberam da mesma motivação.

De acordo com um plano anual previamente estabelecido, o clube abria portas para toda a comunidade. Por exemplo, no dia da alimentação os membros do clube produziram marcadores de livros com frases de sensibilização sobre a alimentação no mundo e colocaram-nos no tabuleiro da cantina e assim todos os colegas e professores ficaram alertados para as questões da justiça no acesso à alimentação e do desperdício. À tarde, ouviam-se alguns alunos a perguntar aos colegas:

—Então qual foi a tua frase?

E isso foi muito gratificante, porque se percebeu que surtiu efeito.

As atividades foram muito variadas: receberam um produtor de batata-doce, que lhes falou sobre a vida de agricultor; construíram regadores a partir de embalagens de detergente líquido da roupa e sacos a partir de t-shirts; tentaram fazer uma horta, mas desistiram porque os 45 minutos do clube eram insuficientes; em compensação, fizeram plantação vertical de morangos, com a ajuda de um professor, agricultor nos tempos livres, que ofereceu os morangueiros; reutilizaram garrafas de água, encheram-nas com composto que produziram na escola e fizeram morangueiros verticais. As plantas que sobraram foram oferecidas aos alunos, que as levaram e plantaram em casa, e nas semanas seguintes foram dando conta dos desenvolvimentos, até terem anunciado que já tinham fruto.



Em janeiro, a professora e quatro alunos foram a Lisboa participar num seminário do projeto aTerra, no auditório da fundação Calouste Gulbenkian, o que lhes trouxe muita responsabilidade, doseada com entusiasmo e motivação.

Ao longo do ano letivo, tiveram várias oficinas sobre alimentação sustentável e saudável, consumo responsável, técnicas de agricultura biológica, com técnicos do projeto aTerra, que provocaram um grande impacto nos alunos e na dinamizadora do clube, que recorda:

“A Gisela e a Elsa estavam ali pelos miúdos, eles podiam sentir isso e gostavam muito de as ouvir. Fizeram germinados com sementes, participaram em oficinas práticas, ouviram uma série de explicações sobre a alimentação, que os marcaram e provocarão mudanças para o resto da vida. Por exemplo, ficámos a saber que comer alface antes do resto liberta enzimas favoráveis à digestão, que as ervas aromáticas substituem sal, entre outras coisas interessantes. Até tivemos uma oficina sobre respiração e foi muito curioso observar os meninos que tiveram essa aula a aplicar inconscientemente nos testes o que tinham aprendido, fazendo respiração abdominal. São pequenos detalhes que fizeram a diferença”, lembra a Inês.

O ponto alto, contudo, terá sido o fim de semana que passaram na Casa Velha, onde tiveram oportunidade de colher produtos do campo, cozinhar e participar em atividades do curso de agricultura biológica que estava a decorrer (era a terceira e última sessão, e a Inês já participara nas duas anteriores por sua iniciativa, pois queria adquirir novos conhecimentos para aplicar no seu cantinho de agricultura em Peras Ruivas). Além disso, produziram dois vídeos de sensibilização sobre a importância de produzir e consumir localmente e o desperdício alimentar. Orientados pela Margarida e pela Elsa e com a preciosa colaboração da Inês, os jovens deixaram vir ao de cima a sua criatividade e usaram-na com muita seriedade para transmitir mensagens que podiam provocar impacto nas outras pessoas e produzir pequenas mudanças. A Inês explica que a oficina de horta Pedagógica na Casa Velha terá sido o ponto alto do projeto: “foi impressionante como eles colaboraram, eu, que julguei que se iam chatear quando fossem convidados a fazer tarefas agrícolas, vi-os a apanhar ervas ainda antes de lhes pedirem. Correu tudo muito bem. Divertiram-se muito a pirogravar madeira para fazer tabuletas de identificação das ervas e plantas. Foi o auge do clube aTerra.”



Depois ainda tiveram outra sessão no Colégio, mas o final do ano letivo aproximava-se e com ele o cansaço e a preocupação com os exames.

Procurar primeiro soluções alternativas em vez de ir logo comprar; preferir produtos agrícolas locais; reduzir o desperdício alimentar e optar por alimentos saudáveis foram algumas das temáticas que os alunos desenvolveram em artigos para o jornal da escola. E eles acreditam mesmo nisso – esse é o maior resultado do projeto!

O ano letivo acabou em grande, tendo sido convidados três produtores locais para venderem os seus produtos da terra aos pais dos alunos que assistiam à festa de fim de ano. Os produtos esgotaram-se e quem sabe se novos hábitos não começaram?

Está calor, o acumular de tarefas ao longo do ano letivo reflete-se no cansaço espelhado no rosto da Inês. Mas o seu olhar brilha com a amplitude do horizonte que avista da sua casinha de fim semana. São vastos os seus sonhos e, enquanto rega a horta, ela pensa nas potencialidades daquele espaço. Gostava de fazer ali uma espécie de quinta pedagógica, para grupos escolares e festas de aniversário, com oficinas que abordassem a ciência e a agricultura: nutrientes, polinização, melhores alturas para plantar... tanta potencialidade que ela guarda!

Para já, a Inês refresca-se e respira ar puro. É tempo de colher e saborear o carinho que os alunos lhe transmitiram. Novas plantações começarão em setembro. Agora é tempo de ser cigarra.



A música da natureza

André Mendes, Aluno



FICHA TÉCNICA

título

A música da natureza; André Mendes, Aluno

conceção e redação

Fundação Fé e Cooperação e Daniela Costa | Biografias por Encomenda

autor

Daniela Costa | Biografias por Encomenda

colaboração

André Mendes

ilustrações:

Vera Guedes

capa e paginação

Vera Guedes

revisão

Margarida Alvim | FEC - Fundação Fé e Cooperação

Ana Patrícia Fonseca | FEC - Fundação Fé e Cooperação

Elsa Neves | Associação Casa Velha

edição

FEC - Fundação Fé e Cooperação

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 Moscavide, Portugal

Telefone: +351 218 861 710 | Fax : +351 218 861 708

geral@fecongnd.org | www.fecongnd.org

edição: janeiro de 2016

© FEC | Fundação Fé e Cooperação, 2016

A **FEC** é uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento. Existe desde 1990 por vontade da Igreja Católica em Portugal. Trabalha com comunidades e parceiros em Portugal, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique na educação, saúde, capacitação institucional e em educação para o desenvolvimento. Trabalha para a «construção de uma nova humanidade onde cada pessoa possa viver com dignidade e justiça» (<http://fecongnd.org/>).

Edição realizada no âmbito do Projeto aTerra - Políticas globais e estratégias locais para o Desenvolvimento Sustentável.

O André tem 16 anos e uma mão cheia de sonhos que as cordas da sua guitarra ajudam a libertar. Enquanto entoa músicas dos eternos Beatles, de Led Zeppelin ou doutro artista que o faça sentir uma onda de comoção, ele vai falando de si, da maneira como vê o mundo e de tantos planos que tem para o futuro.

O André frequenta o 10.º ano na Escola Básica e Secundária de Ourém e a sua outra mão está suja de terra. Com os colegas, foi ao longo do último ano letivo aprofundando o conhecimento sobre agricultura, o que espicaçou nele o bichinho que sempre o levou a gostar das coisas simples e saborosas que a natureza oferece.



Pouco depois de ter ingressado no ensino básico, o André encetou uma aprendizagem paralela e que para ele é tão importante como a escola formal: o escutismo. O estreitamento da relação com a natureza, com a divindade, com os outros seres humanos e consigo próprio foi a maior lição de vida que ali adquiriu e foi propiciada tanto em acampamentos como em atividades *indoor*. Ele adora caminhadas, andar de bicicleta, fazer orientação e outras atividades ao ar livre e é nos escuteiros que encontra o lugar ideal para extravasar essa sua paixão pela natureza.

Também frequentou ao longo dos tempos a catequese, mas esse caminho não foi significativo na sua vida. Pelo menos não tanto como as aulas de Religião e Moral, onde ele e os seus colegas em geral se sentem muito bem porque têm oportunidade de aprofundar e discutir temas que são transversais a todos os seres humanos: *Qual o sentido da vida humana? Porque é que devemos optar por uns comportamentos em detrimento doutros? O que nos une? O que é realmente importante?*



E se o professor de Religião e Moral já tinha cativado a turma, que se inscrevera em peso na sua disciplina, com o desenvolvimento do programa aTerra durante o último ano letivo deu ainda mais razões aos seus alunos para continuarem a frequentar as suas aulas, pois aliaram questões mais filosóficas a experiências muito práticas.

“O 10.º A foi a turma escolhida para participar no projeto aTerra. Inicialmente tivemos três sessões de sensibilização em sala de aula, dedicadas a temas como consumo responsável, alimentação sustentável, desperdício, entre outros. Depois passámos um fim de semana na Casa Velha e foi muito bom porque pudemos por em prática o que aprendemos ao longo do ano: trabalhámos na horta; fizemos um jogo sobre consumo responsável; desenvolvemos um vídeo de divulgação do projeto sobre consumo responsável; cozinhámos, preparando o almoço do segundo dia, contactando com ervas que não conhecíamos, fizemos uma salada e uma sopa bem saborosas. Ficámos acantonados na Casa Velha e foram dois dias muito importantes para a turma, pois convivemos muito num ambiente diferente, o que ajudou a fortalecer os laços entre todos. Só fomos lá uma vez, mas temos vontade de organizar novas sessões.”



Há dois anos, o André mudou de casa. Os pais construíram a sua própria habitação e toda a família deixou o apartamento para passar a habitar numa moradia com muito mais espaço dentro e fora de casa.

O rapaz adorou a mudança: agora pode fazer agricultura no seu próprio quintal, pondo em prática conhecimentos de agricultura convencional que foi adquirindo ao longo da vida e outras técnicas que só mais recentemente no projeto aTerra aprendeu. O terreno é grande e, além da horta, que ele pretende que seja o mais colorida possível, com diferentes espécies de legumes, tubérculos e hortícolas, a família quer aproveitá-lo para plantar várias árvores de fruto. No entanto, há um projeto que anda às cambalhotas na cabeça deste escuteiro e que não cabe no terreno dos pais, mas talvez possa vir a ter lugar nalgum terreno dos avós: um parque de arborismo! O André imagina já os trilhos aéreos que podia construir de árvore em árvore, possibilitando jogos divertidos e desafiantes, com diferentes níveis de dificuldade e destreza.



Confessa que também tem desvantagens por viver fora da cidade (no seu caso, está afastado 2 km de Ourém), pois agora fica menos independente no que respeita a deslocações. Por norma, apanha boleia da mãe de manhã para a escola e depois volta para casa a pé. Quando vai para os escuteiros, para as aulas de música ou outras pequenas viagens leva a sua bicicleta.

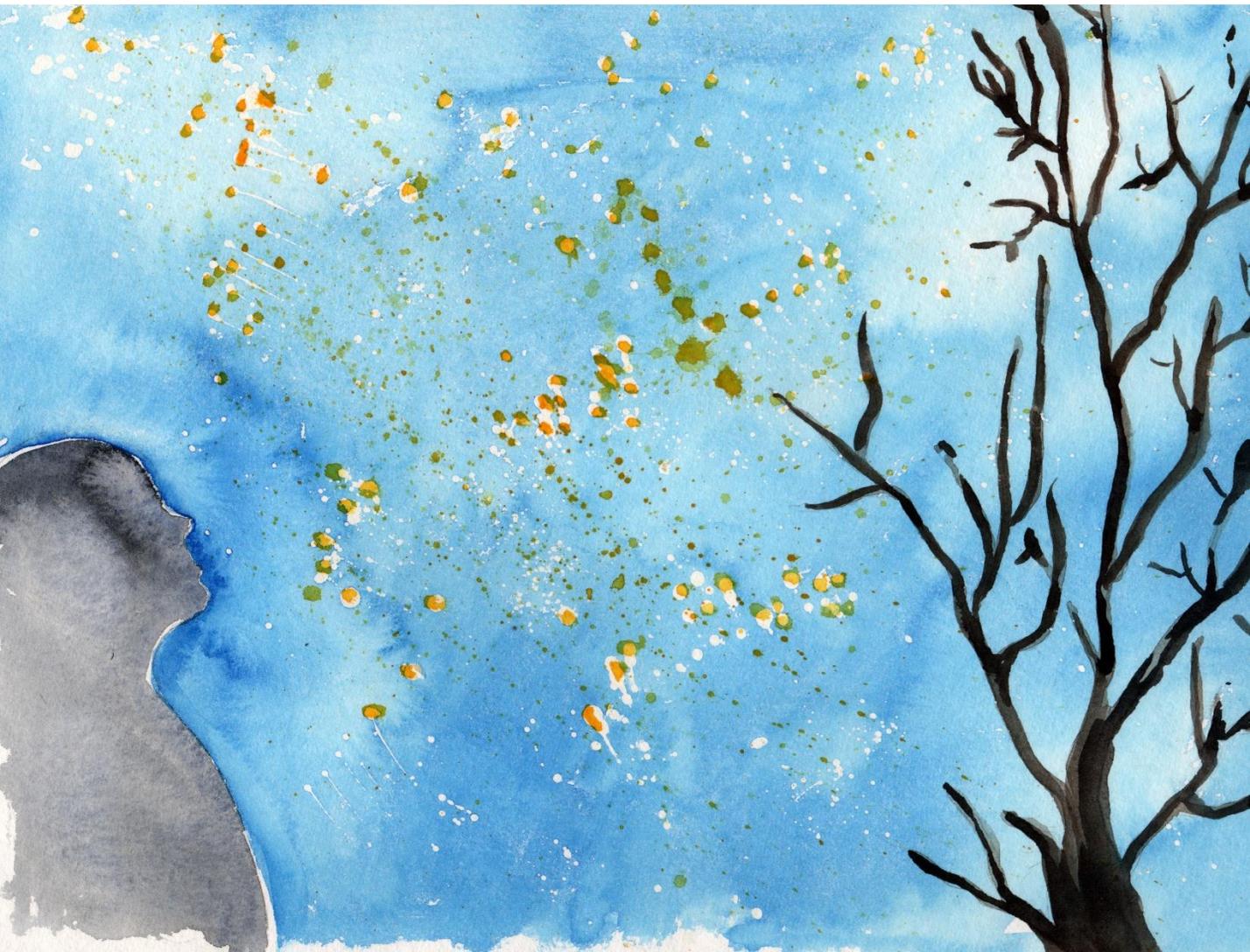
Um dia, o jovem foi num passeio organizado pela disciplina de Religião e Moral à Serra da Estrela e ficou impressionado ao avistar, no meio de uma paisagem deserta de intervenção humana, uma antiga igreja em ruínas. Ficou a sonhar com tudo o que ele faria naquele edifício se lhe pertencesse... Quando chegou a casa, contou como tinha sido o seu dia e comentou com a mãe:

— Gostava de recuperar uma igreja abandonada que vi no meio da serra e de a transformar numa habitação totalmente sustentável. Seria autossuficiente em termos de energia e teria desperdício zero!



Sendo ainda muito cedo para acertar todas as agulhas que apontarão o seu caminho de futuro, uma coisa o André já sabe: *“quero ser vagabundo.”* O seu sonho é viajar pelo mundo e estar em contacto com a natureza e com diferentes culturas, sem amarras ou compromissos. Percorrer a pé ou de bicicleta o caminho do atlântico desde a Rússia até Portugal faz parte do seu projeto de nomadismo. Mas antes vai começar por viajar da Nazaré até à Figueira da Foz e numa fase seguinte percorrer toda a costa vicentina. Há que dar um passo de cada vez e o André é um rapaz com os pés bem assentes no chão.

E o facto de ter os pés sujos de terra impele-o a olhar o céu e descortinar caminhos por entre as estrelas. Ele quer ingressar na universidade, talvez em Coimbra, por ser a mais próxima, ou em Vila Real, por haver na UTAD uma atmosfera ligada à natureza e à agricultura. Quanto aos cursos, Biologia é a sua primeira opção, mas não descarta a hipótese de escolher Engenharia Agronómica.



Até lá ainda faltam dois anos e muita água correrá debaixo da sua ponte.

Só de uma coisa o André tem a certeza: vai zelar para que essa água seja pura e encha de frescura e vida muitos ecossistemas!



Encontro de saberes

Valter Ferreira, Voluntário



FICHA TÉCNICA

título

Encontro de saberes; Valter Ferreira, Voluntário

conceção e redação

Fundação Fé e Cooperação e Daniela Costa | Biografias por Encomenda

autor

Daniela Costa | Biografias por Encomenda

colaboração

Valter Ferreira

ilustrações:

Vera Guedes

capa e paginação

Vera Guedes

revisão

Margarida Alvim | FEC - Fundação Fé e Cooperação

Ana Patrícia Fonseca | FEC - Fundação Fé e Cooperação

Elsa Neves | Associação Casa Velha

edição

FEC - Fundação Fé e Cooperação

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 Moscavide, Portugal

Telefone: +351 218 861 710 | Fax : +351 218 861 708

geral@fecongnd.org | www.fecongnd.org

edição: janeiro de 2016

© FEC | Fundação Fé e Cooperação, 2016

A **FEC** é uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento. Existe desde 1990 por vontade da Igreja Católica em Portugal. Trabalha com comunidades e parceiros em Portugal, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique na educação, saúde, capacitação institucional e em educação para o desenvolvimento. Trabalha para a «construção de uma nova humanidade onde cada pessoa possa viver com dignidade e justiça» (<http://fecongnd.org/>).

Edição realizada no âmbito do Projeto aTerra - Políticas globais e estratégias locais para o Desenvolvimento Sustentável.

Quanto mais stress uma planta tem de enfrentar, mais o sabor do seu fruto melhora. O controlo das condições ideais é uma estratégia para aumentar os níveis de produção, mas é precisamente a falta de água ou de nutrientes, as condições climatéricas adversas e a luta contra pragas que permitem que os frutos fiquem mais condensados e mais saborosos.

Também na vida do ser humano isso acontece. E o Valter considera que por ter tido uma “infância como as de antigamente” se tornou uma pessoa com mais gosto pela vida e capacidade de lutar pelos seus objetivos.

Nasceu e cresceu nas Fontainhas, uma pequena aldeia da freguesia rural de Seiça, no concelho de Ourém. Até aos seis anos, a sua escola foi a vida social da localidade: ouvia as conversas dos mais velhos no café da mãe, onde passava grande parte do seu tempo; assistia às discussões à volta do futebol; escapava-se para brincar às escondidas e à apanhada com os amigos no adro da capela; perseguia os gatos; ajudava as senhoras a levarem as compras para casa; entrava nas casas das avós como se fossem a sua... e ia para o campo ajudar o pai a fazer pequenas tarefas agrícolas.

Depois entrou para a escola primária e os desafios aumentaram de nível. Estivesse frio ou fizesse calor, debaixo de sol ou de chuva, ele tinha que se fazer à estrada e percorrer mais de 1 km até ao estabelecimento de ensino, regressando a casa para almoçar e repetindo todo o processo à tarde.

O chapéu-de-chuva foi muitas vezes o seu grande aliado, tendo sido o escudo que o protegeu de um cão que o quis atacar e que o obrigou, a tremer de medo, a abrir o chapéu e a acocorar-se debaixo dele, como uma tartaruga dentro da carapaça. Também o defendia da lama que saltava das poças de água da estrada quando os carros a projetavam violentamente contra os transeuntes.



Para amenizar as adversidades da natureza bastava a camaradagem. Os alunos da escola primária eram poucos, não chegando sequer à dezena, mas eram muito unidos e viviam em conjunto muitas aventuras, não só no caminho de escola para casa, mas também nas horas livres dos dias grandes. Quando a primavera chegava e já se podia ficar na rua até mais tarde, o Valter costumava ir andar de bicicleta com alguns amigos. Por volta dos 15 anos, já iam sozinhos ao Agroal (que fica a uns 12 km das Fontainhas) e, se os dias de calor apertavam, as bicicletas ficavam esquecidas nalgum caminho e eles despiam-se e mergulhavam num tanque de rega, onde ficavam a aprender a nadar até alguma mãe gastar a voz, chamando-os para casa.

Ele era o único do seu ano e a professora costumava sentá-lo com um colega mais velho que também não tinha companheiros no mesmo patamar. O Valter gostava de trabalhar em conjunto com o seu parceiro de carteira porque era aliciante poder aprender matérias de níveis mais avançados e ter alguém mais experiente para lhe tirar dúvidas. Aliás, também em casa ele estava habituado a que puxassem por si, pois as suas duas irmãs mais velhas eram ótimas alunas e gostavam de assumir o papel de suas explicadoras particulares.

Mas a vida escolar tinha de ser também contrabalançada com responsabilidades que o rapaz foi assumindo desde cedo, ajudando no café e na agricultura que a família sempre teve. O Valter cresceu com uma alimentação equilibrada, sempre com produtos produzidos pela horta familiar. Do seu regime alimentar estavam paticamente excluídas refeições tão bem conhecidas nos nossos dias, como lasanhas, hambúrgueres do McDonald's, pizzas congeladas, etc.

Contudo, voltou a andar às voltas quando terminou o 12.º ano e chegou a hora de escolher um curso superior. A namorada deu uma ajuda, afinal muitas vezes quem está de fora consegue observar com mais clarividência, e o rapaz percebeu que Agronomia era a área que mais tinha a ver com ele. E assim a pequena localidade das Fontainhas foi trocada pela capital. Em Lisboa, uma série de novas aprendizagens entraram na vida do jovem e nem todas foram forçosamente académicas. Entre praxes, confraternizações, saídas, passeios e programas académicos, a adaptação foi fácil e o leque de amigos do Valter expandiu-se.



Mas, ao fim de semana, voltava a casa e partilhava com os pais o que aprendia no curso. Eles tinham imensa experiência: o pai sempre fora agricultor e a mãe desde que fechara o café, há poucos anos, passara igualmente a trabalhar na agricultura a tempo inteiro. Tratava-se de agricultura de subsistência, convencional, mas não deixava de ser uma grande enciclopédia de saberes e tradições. Por isso, a fusão que acontecia entre os conhecimentos técnicos do Valter e os saberes de experiência feitos dos seus pais era sempre enriquecedora para ambas as partes. Longas conversas, quando não aconteciam à mesa, tinham lugar no campo, com os pés enterrados na terra e as mãos calejadas e cortadas. O Valter ajudava nas tarefas de sempre e introduzia também culturas novas, cujas sementes ia arranjando em produtos que comprava em supermercados de Lisboa ou mesmo em feiras de agricultura em que participava noutros pontos do país. E assim os terrenos da família passaram a ter anonas, líchias, espargos, goji e outras espécies exóticas para aquelas bandas.



Entretanto, em 2014, o pai falou-lhe da Escola de Verão do projeto aTerra que ia acontecer ali perto, na Casa Velha. Porque a temática o interessou logo e porque gosta de novos desafios, ele inscreveu-se e participou naquela atividade de uma semana intensiva. “*Isto vai ser um fiasco*”, pensou ele ao perceber que muitos dos cerca de 15 colegas que se preparavam para frequentar a Escola de Verão não tinham nada a ver com a agricultura. Era um grupo muito heterogêneo, com pessoas de diferentes idades, proveniências geográficas (incluindo Angola e Moçambique) e formações e atividades profissionais.

Contudo, rapidamente mudou de ideias. Afinal de contas, todas as áreas se tocam e até um médico deve ter sensibilidade para as questões da alimentação e da sustentabilidade, pois pode assim fazer um melhor trabalho em termos de prevenção.



Estudando mais a fundo os temas da sustentabilidade rural, alimentação saudável e agricultura biológica, tiveram conversas muito interessantes com produtores, autarcas, políticos, pequenos agricultores, pessoas que desenvolveram projetos. Fizeram inquéritos aos consumidores e distribuidores. Estudaram toda a cadeia e refletiram no papel de cada elo na mudança de atitudes rumo a uma maior justiça social e sustentabilidade ambiental.

As metodologias eram muito variadas, desde trabalhos de grupo até sessões de voluntariado prático, passando ainda pela confeção das próprias refeições, e o fruto dos vários trabalhos foi exposto num documento final com as principais conclusões. O Valter achou engraçada a evolução do modo de pensar do grupo e sentiu que afinal havia muitos pontos em comum e no fim toda a gente adorou e criaram-se laços muito fortes.

A partir desse verão, ficou muito ligado à Casa Velha, onde passou a colaborar como voluntário, ajudando a levar a cabo *workshops* e cursos de agricultura biológica.



A sua disponibilidade atual é pouca porque está a estagiar numa unidade agrícola em Torres Vedras, onde se produzem tomates em hidroponia, durante todo o ano, o que não se verifica na agricultura convencional, em que o trabalho obedece ao ritmo das estações. Tem aprendido imenso e quer continuar a evoluir, contactando com outras culturas e modos de cultivo, nomeadamente no solo.

Quem sabe se um dia não terá o seu próprio projeto? Quem sabe se não vai contribuir para o desenvolvimento agrícola do concelho ou do país? Quem sabe se não vai ser um ramo frondoso da árvore de mudança que cresce no país e no mundo? A planta da sustentabilidade, alimentada por todos aqueles que acreditam que tem de se encontrar um equilíbrio entre as necessidades humanas e o cuidado da natureza.

Neste momento, ele sente que tem de ganhar experiência e maturidade, mas a semente já está na terra. O processo de crescimento pode não ser fácil, mas ele sabe: as crises que tiver de enfrentar vão torná-lo cada vez mais saboroso!

